

PATRIMÔNIO NATURAL DA ROTA DOS TROPEIROS, NOS CAMPOS GERAIS – PARANÁ – BRASIL

CASSOL PINTO, Maria Ligia

Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR/BR

ligialih@brturbo.com.br

Introdução

A patrimonialização dos recursos naturais, entendido com uma atribuição de ‘valor’ às geoformas, como os afloramentos rochosos, os geossítios, as feições singulares, tem sido uma estratégia empregada para evitar-se a perda de algo importante do relevo de uma ou outra paisagem: ou seja, garantir que a história e a memória de um povo, o interesse da pesquisa científica, ou as oportunidades de capitalizar a atividade turística em especial, sejam preservadas para as gerações que virão.

O patrimônio natural-cultural emerge, conquistando, gradualmente maior espaço, notadamente a partir dos anos 1970-80, no contexto mundial, associado às preocupações em torno das questões ambientais - a preservação e conservação da natureza.

A valorização do patrimônio natural, neste caso do Geomorfológico relacionado à rota percorrida pelo tropeirismo no sul do Brasil, pode ser enquadrada na totalidade das situações supracitadas. Mas, com especial destaque como oportunidade e incentivo às atividades geoturística, capazes de impulsionar a economia dos 16 municípios paranaenses localizados ao largo desta rota. A partir da divisa com o estado de Santa Catarina até encontrar o estado de São Paulo, tem-se os municípios de Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Balsa Nova; Porto Amazonas; Palmeira, Campo Largo, Curitiba; Ponta Grossa, Carambei; Castro, Tibagi, Telêmaco Borba, Pirai do Sul, Jaguariaíva, Arapoti e Sengés.

Afora a questão econômica, cabe ressaltar o valor científico das formas e feições, em especiais as derivadas do carste não carbonático em arenito da Formação Furnas, Grupo Paraná.

O objetivo desta comunicação é destacar o patrimônio natural de caráter geomorfológico, que caracteriza a ‘região’ de passagem dos Tropeiros no estado do Paraná. Trabalho que é o resultado de trabalhos de campo, revisão de literatura e acompanhamento dos projetos de implantação e gerenciamento das Unidades de Conservação como o PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA (PEVV), PARQUE NACIONAL

DOS CAMPOS GERAIS (PNCG) e as propostas de criação, apesar de frustradas, do GEOPARQUE DOS CAMPOS GERAIS, lideradas por geocientistas da Universidade Estadual de Ponta Grossa junto com outras instituições.

Dentro e fora das Unidades de Conservação, criadas pela legislação ambiental, municipal, estadual e federal, o relevo da região fitogeográfica dos Campos Gerais é peculiar, por associar-se e refletir as propriedades lito-estruturais da faixa de transição entre duas morfoestruturas distintas: a leste o embasamento, que se expressa na morfoescultura do Primeiro Planalto e a oeste deste a borda oriental da Bacia Sedimentar do Paraná, onde se encontra o Segundo Planalto Paranaense.

As paisagens inicialmente percorridas pelos tropeiros e suas tropas de mula, ao longo dos séculos XVIII, XIX, esporadicamente até o início do século XX, tem sido tanto objeto de estudo de historiadores, geógrafos, e geocientistas voltados à geologia/geomorfolgia e à paleontologia regional, quanto área de especulação de grandes agropecuaristas, pequenos produtores que esperam pelas benesses do turismo rural e ou de aventura.

Contexto da economia e exigência de mueres no Brasil

O Brasil central, durante os séculos XVIII e IX, viu a mineração de ouro passar de uma fase de auge a estagnação, exigindo muita de mão-de-obra tanto para o trabalho nas minas, quanto para o transporte da matéria-prima até os pontos de comercialização. Para o transporte contou com o dorso dos homens ou com o lombo de mulas, devido, principalmente às condições acidentadas de um relevo montanhoso e à falta de condições técnicas dos meios de transporte à época (Fig. 1).

Esse contexto apresentou-se favorável aos tropeiros do sul do país, em especial o Rio Grande do Sul, que passaram a conduzir centenas de mulas, por Santa Catarina, Paraná até Sorocaba-SP, de onde seguiam às minas gerais. Esse mercado mineiro fez multiplicarem-se as áreas de criação de mulas no RS, em especial, nos campos de Viamão, na região das Missões Jesuíticas, pela Colônia do Sacramento, estendendo-se até arredores de Montevidéu e Buenos Aires, bem como por Corrientes e Entre Rios, na Argentina. Sem limites definidos e com as constantes guerras platinas, muito dos rebanhos que passaram pelo Paraná tinham origem no contrabando (adaptado de Zemela, M.P. 1951, 93).

Assim, o tropeirismo foi considerado como um fato e uma prática que se distinguiu como atividade complementar à economia mineradora do Brasil central, mas já havia se iniciado no Paraná onde, desde 1661, já se conhecia alguma ocorrência de ouro nos ‘Sertões de Tibagy’, e foi encontrado diamante, pelos idos de 1755 (Prado Junior, 1996; Liccardo e Cava, 2006).

A prática do tropeirismo, tal como se conhece, não esteve relacionado diretamente à mineração no Paraná, foi posterior, mas ocorreu num tempo ainda marcado por dificuldades, estas representadas pelas grandes distâncias entre as áreas criadouras de muares e os mercados consumidores e pela inexistência de vias de circulação oficiais.

“A abertura do caminho foi forjada pela coragem e intuição dos tropeiros enfrentando as adversidades de uma região de clima subtropical e cruzando relevos acidentados, entre cânions, grotões, escarpas e rios quase sempre cachoeirados. Tal conjunto de situações tornou a Rota dos Tropeiros um caminho rico em histórias e cultura, mas cercado de belas paisagens dominadas por feições singulares” (Cassol-Pinto e Liccardo, 2010).

Vencendo os obstáculos ao longo deste caminho que foi aberto entre campos e florestas, onde surgirem povoados nos locais de pousadas onde os tropeiros estabeleciam suas paradas para descanso e alimentação de seus animais: eram lugares *“onde havia largueza de campo-pastagens e água sempre manente de rios ou lagoas”*.

As ‘tropeadas’ eram planejadas a partir da sazonalidade climática, parando o tempo suficiente para chegar a Sorocaba em condições de peso e resistência adequados às exigências do mercado. No trajeto era necessário enfrentar as baixas temperaturas, o período chuvoso em locais cuja topografia e disponibilidade de pasto e água suficientes para permanência de centenas de mulas, por períodos mais longos.

Em decorrência da passagem das tropas pelas terras paranaenses, até então província de São Paulo, provocaram o surgimento de povoados, evoluindo para as categorias de freguesia, vila até chegarem a de cidade. Algumas das atuais cidades, situadas na região fitogeográfica dos Campos Gerais, nasceram ao longo do histórico Caminho de Sorocaba, como Castro, inicialmente Pouso de Iapó, Freguesia de Iapó, Vila Nova de Castro (1788), que se estendia de sul a o norte dos Campos Gerias. Alcançou foros de cidade, denominada de Castro em 1857, período em que a economia regional tinha forte influencia do tropeirismo.



Figura 1: As principais rotas utilizadas pelos tropeiros entre os séculos XVIII e XIX. Do Rio Grande do Sul para Sorocaba, SP. Desenho: Pereira (2015).

Os campos gerais do Paraná e o patrimônio geomorfológico

A região dos Campos Gerais destaca-se pela geodiversidade encontrada nas paisagens constituídas pela morfoescultura da faixa de transição entre o embasamento, do Primeiro Planalto, e a borda oriental da Bacia Sedimentar do Paraná, o Segundo Planalto do Paraná, além daquelas marcadamente esculpidas sobre o reverso da escarpa constituída de material do devoniano- ‘Escarpa Devoniana’.

Esta borda oriental é formada por sedimentos marinhos e glaciais do Paleozoico, especialmente do Grupo Paraná- Formações Furnas, Ponta Grossa, sobrepostas às rochas vulcânicas ácidas do Cambriano e rochas metamórficas pré-cambrianas, contendo numerosos diques de diabásio do Mesozoico. Com forte influência do basculamento originado pelo Arco de Ponta Grossa, este setor da bacia apresenta um relevo escarpado, cujo reverso da *cuesta* apresenta-se fortemente fraturado- com direção preferencial SE-NW, determinando o controle na rede hidrográfica. Fato que proporciona o surgimento de uma centena de trechos fluviais em cânions, cujas características favorecem o exercício de esportes radicais e turismo de natureza, como o cânion do Rio Iapó, no Parque Estadual do Guartelá (município de Tibagi) o situado no Parque Estadual do Codó (município de Jaguariaíva), cânion e cachoeira do rio São Jorge (município de Ponta Grossa), entre os principais.

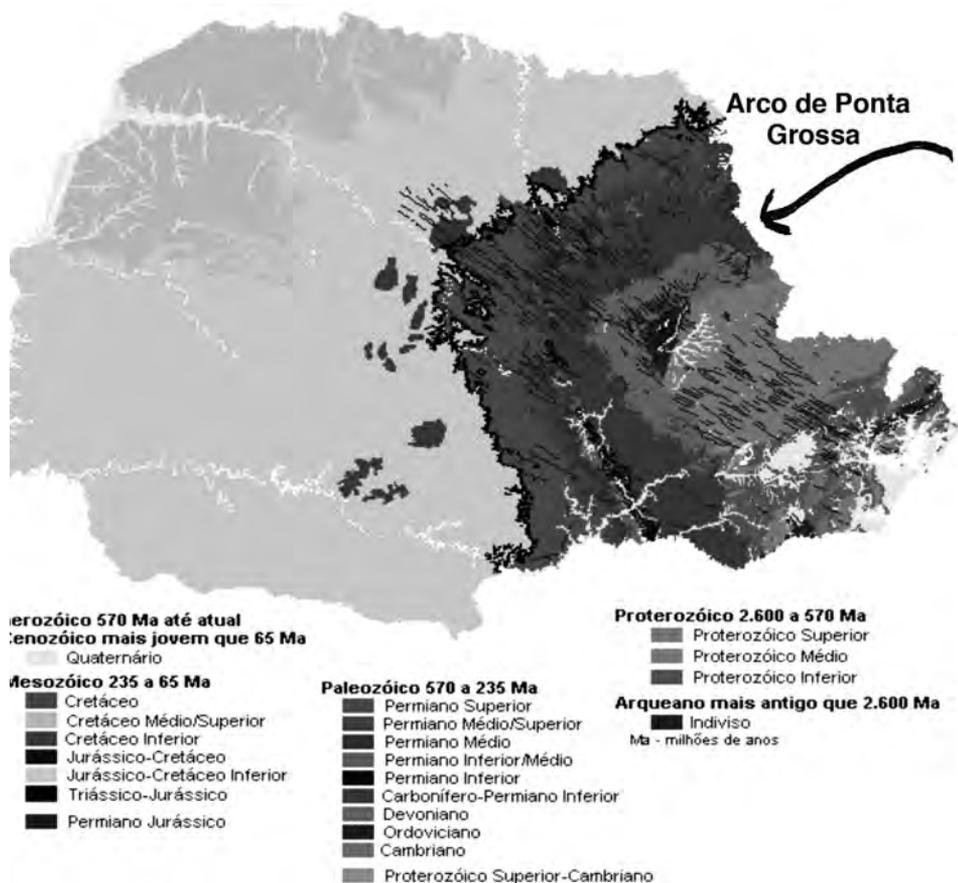


Figura 2: Quadro geológico do Paraná: Bacia Sedimentar do Paraná- Arco de Ponta Grossa. Fonte: MINEROPAR.

E o Caminho de Sorocaba, ou também a Rota dos Tropeiros foi traçada sobre as unidades morfoesculturais do Segundo Planalto Paranaense, constituído de formas e feições morfológicas típicas dos Planaltos Guatá (sul), Planalto de Ponta Grossa (centro) e do Planalto de Jaguariaíva ao norte, na divisa com o estado paulista.

Feições geomorfológicas são o principal atrativo da região com predomínio de cânions, escarpas, relevos de exceção em arenitos e muitas quedas d'água (Piekarz & Liccardo, 2007, p. 1).

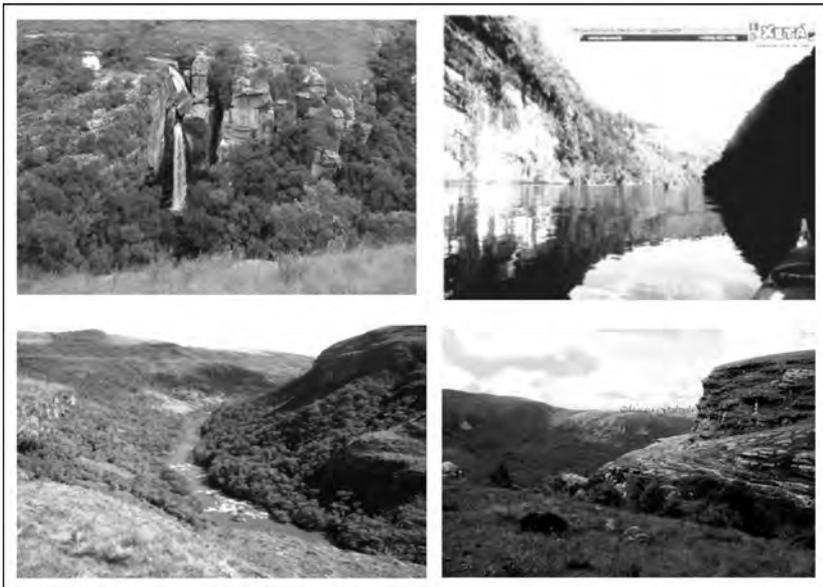


Figura 3: Patrimônio Natural- Geomorfológico- na Rota dos Tropeiros, Paraná:
(A) Cachoeira do Rio São Jorge; (B) Caniôn do Codó; (C) Escarpa Devoniana;
(D) Caniôn Guartelá:

O avanço da pesquisa sobre o carste não carbonático, na região carste desenvolvido em arenito com cimento caulínico, tem oportunizado o crescimento do geoturismo em cavernas. Uma centena delas já foi devidamente catalogada pelo Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas- GUPE, algumas delas com uma fauna bastante significativa. Nesse sentido, encontram-se outras feições cársticas de igual importância como as furnas, estalactites, dolinas e Lapiáz e bacias de dissolução, entre vegetação de campos e relictos de cerrados (Figura 4).

A geodiversidade da região fitogeografia dos Campos Gerais, no Paraná, inclui, para além desse conjunto de formas, feições esculpidas ao largo do tempo sobre um cenário lito-estrutural favorável ao geoturismo, uma história carregada de heroísmos de homens simples que, com seu trabalho de comercializar mula, impulsionaram bem mais que a economia mineira, pois integraram o extremo sul ao centro do poder do país, e fizeram por consolidar o processo de formação e ocupação do estado do Paraná: em cada local de pousada, surgiu um povoado que evoluiu para uma das cidades dos 16 municípios que forma o projeto Turístico da Rota dos Tropeiros.

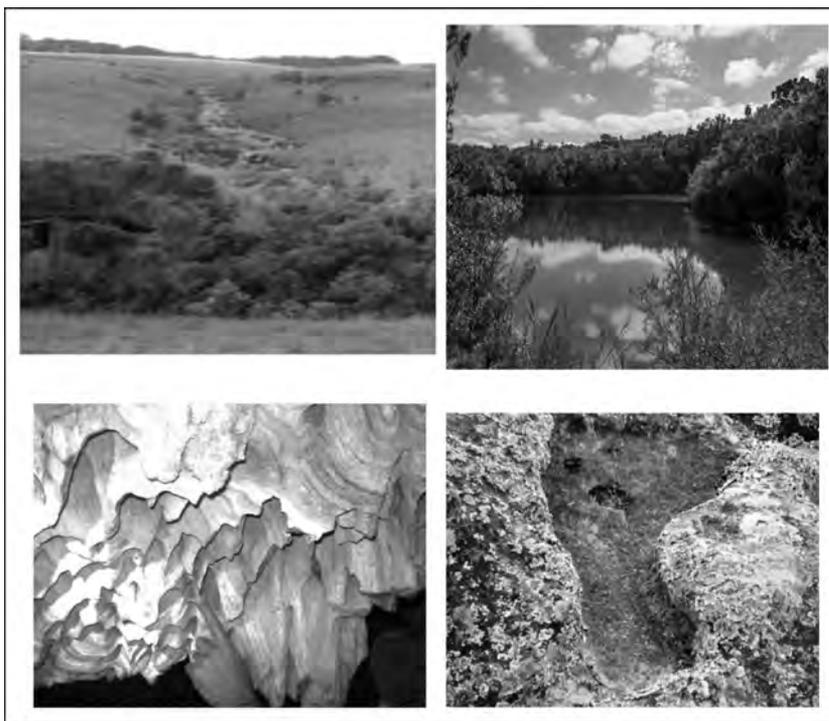


Figura 4: Paisagens e Geoformas.

Referencias Bibliográficas

- Cassol Pinto, M. L. e Liccardo, A. 2013. Patrimônio Geomorfológico ao longo da Rota dos Tropeiros. In: Espaço & Geografia. V.16, nº 2, 581-601,
- Liccardo, A. e Cava, L. T. 2006. Minas do Paraná. MINEROPAR, Minerais do Paraná S.A. Curitiba.
- Piekarz, G. e Liccardo, A. 2007. Geoturismo na Rota dos Tropeiros. Global Tourism, V3; nº 2.
- Sodre, N. W. 1982. Formação Histórica do Brasil. São Paulo; DIFEL.
- Zemela, M. P. O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII. São Paulo, 1951.